

## RONDON

Com este sobrenome conquistou a glória quem, na infância modesta, se chamou CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON.

Em lar sertanejo, nasceu a 5 de maio de 1865, no Mimoso, não distante de Cuiabá, onde iniciou os estudos primários e quanto lhe fôsse possível dos secundários, graças ao auxílio do padrinho, de quem adotou o apelido.

Ansioso de continuá-los, mas baldos de recursos, assentou praça, para se matricular na Escola Militar do Rio de Janeiro, uma vez obtida a solicitada transferência. E, adolescente, deixou a capital de Mato Grosso.

Entre os seus professores encontrava-se BENJAMIN CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES, que recheava as suas aulas de matemática com a pregação da doutrina positivista, fundada por AUGUSTO COMTE.

Eloqüente e íntegro no proceder, tornou-se aplaudido pela mocidade, que lhe seguia os ensinamentos político-filosóficos, de inequívoca influência na proclamação da República, a 15 de novembro de 1889.

Não tardou em distingui-lo o mestre acatado, que lhe indicou o nome para lente substituto de Astronomia e repetidor de Mecânica, assim que o viu diplomado, com o título de bacharel em Ciências Físicas e Naturais.

Não lhe durou, todavia, o exercício do magistério, do qual o afastou a nomeação para ajudante do coronel ANTÔNIO ERNESTO GOMES CARNEIRO, escolhido pela sua fama de correção e operosidade para estabelecer a ligação telegráfica entre Goiás e Cuiabá.

Valeu-lhe a comissão de aula prática, da qual jamais se esqueceria pela vida afora.

Embebedado dos sentimentos humanitários do seu primeiro e único chefe militar, a quem sucedeu no comando, não obstante ser apenas segundo-tenente, sublimou-se-lhe a formação moral que o inesquecível mestre modelara.

Consagrou-se à construção de linhas telegráficas, através dos sertões impérvios, habitados, não raro, por silvícolas ainda hostis aos civilizados.

Esforçou-se por lhes compreender os costumes e sentimentos, assim como o linguajar, que facilitasse os propósitos de convivência amistosa a que se devotou.

O primeiro grupo, encontrado ainda sobremaneira arisco, que manifestava, por gestos inequívocos, o seu desgosto, ao ver aproximar-se a turma de operários fardados, não demorou em afeiçoar-se a quem o tratava com benevolência e compreensão.

Dominavam os bororos a região, que se distendia do rio Araguaia a Cuiabá, onde permaneciam ainda suspicazes, apesar de terem algumas aldeias aceito as propostas de paz oferecidas, às vésperas de soçobrar a monarquia, pelo tenente DUARTE, no vale do São Lourenço.

Retido pelos trabalhos de construção naquelas paragens planaltinas por mais de um quinquênio, empenhou-se RONDON em captar a simpatia dos aborígenes, com os quais, por fim, conversava em seu próprio idioma, como se fizesse parte da tribo.

Semelhante prova de amizade e confiança valer-lhe-ia, em breve, de prestante auxílio, quando tivesse que implantar postes no vale do Itiquira, à orla do Pantanal.

O serviço, já de si penoso, engravesceu com as doenças, a que se achavam predispostas as bisonhas praças recrutadas nas cidades.

A soldadesca, feita em grande porcentagem à malandrice, não resistia à labuta derreante, e o número dos aptos ao trabalho diminuía de contínuo. O batalhão rareava dia por dia, como se participasse de combates mortíferos.

Para evitar a paralisação das obras, em que se empenhara, recorreu o comandante aos seus amigos das selvas.

Dois caciques atenderam-lhe prontamente à chamada, seguidos pelos seus condutícios, que, sem tardança, arrostaram a tarefa para cuja execução foram convocados.

Rigoroso na disciplina, compreendeu que devia tolerar-lhes o regime peculiar, mantido em acampamento próximo, mas submetido às suas próprias normas tradicionais.

Ninguém os igualava na agilidade com que venciam os lodaçais, ao transportarem madeira de lei, escolhida para suporte da linha telegráfica.

Viviam à parte, mas à hora do toque matutino de corneta militar, respondiam, do seu lado, decididos à faina diária, a que se entregavam sem perda de tempo.

De tal maneira atuaram, que não se esqueceu RONDON de registrar em seu Relatório: "a colaboração dos bororos que substituíram, na abertura do picadão e construção

*pròpriamente da linha, de março de 1901 a junho de 1902, os soldados que pereceram ou se recolheram a Cuiabá, foi não só preciosíssima, como sobretudo de elevado sentimento de brasilidade”.*

*Ao fim da empresa, que levou as linhas telegráficas, por 248 quilômetros de mata, 970 de cerrado, 360 de campos, arrolou também os reconhecimentos de 4 101 quilômetros e levantamento dos rios Itiquira, Corço, Piquiri, Taquari, Negro, Miranda, Aquidauana, Paraguaí, São Lourenço, Cuiabá, Cipotuba, Jauru, Guaporé e Alegre.*

*Apenas encerrou a sua missão pelos pantanais, mais árduo encargo o impeliu de novo para os sertões, cenário imenso da “Comissão Construtora da Linha Telegráfica Estratégica de Mato Grosso ao Amazonas”.*

*Ao ideá-la, o govêrno federal logo se lembrou de RONDON, que já adquirira os galões de major, para chefiar o ousado empreendimento.*

*Fazia-se mister varar centenas de quilômetros de terreno desconhecido, sabidamente assenhoreado por aborígines segregados da civilização e distantes dos possíveis núcleos de abastecimento.*

*Não se escusou à corvéia, que lhe aprazia. Ao executá-la, mais de uma vez escapou por um triz de perecer.*

*Quando o agressivo nhambiquara o alvejou com certa flecha, para lhe obstar o avanço, através das terras de que se julgava único possuidor e não admitia condomínio, deveu a uma peça de uniforme a salvação. O talabarte impediu-a de alcançar-lhe o coração, para o qual se dirigia. Todavia, a sua recomendação aos auxiliares, que se preparavam para rechazar à bala o intempestivo assalto, serviria de divisa à Comissão.*

*“Matar, nunca; morrer, se fôr preciso”.*

*De outra feita, coube à malária ameaçar-lhe a vida, ao empolgar-lhe o organismo depauperado pelas privações em longa travessia. Mas resistiu, para prosseguir em sua obra grandiosa, que se honrou com a visita do ex-presidente norte-americano, T. ROOSEVELT, desejoso de conhecer os pormenores da vida sertaneja em ação. Dura lhe derivou a experiência, em que até correu o risco de sucumbir, quando adoeceu gravemente no recesso dos sertões, sem possível pôrto de socorro a breve prazo.*

*Ao devassar, em segura companhia, rincões virgens de olhares civilizados, teve oportunidade de apreciar a energia construtiva do major RONDON e de seus auxiliares, a quem dedicou os mais rasgados louvores. Observara pessoalmente a realidade brasileira em seus aspectos recônditos e pudera avaliar e proclamar as qualidades raciais dos sertanejos, que se aventuraram a desbravar as paragens remotas, antes e ao longo do rio, daí por diante conhecido pelo seu nome, consoante proposta do responsável pela comissão exploradora — rio Roosevelt.*

*E, em particular, do seu chefe glorioso, a quem várias entidades prestaram desvaneedoras homenagens, que lhe realçaram a impressionante valia de suas contribuições de interesse geográfico.*

*Tão áduos se patenteavam os obstáculos, que T. ROOSEVELT não calou o seu entusiasmo, ao afirmar: “nunca vi, nem conheço obra igual. O trabalho que está sendo realizado pelo 5.º Batalhão de Engenharia só pode ser comparado, no esforço e heroísmo, ao que representa a abertura do Canal do Panamá”.*

*Cresce de importância o elogio proferido pelo desabusado estadista, que pôs em voga a política do big-stick, aplicada, sem contemplação e com inexcedível energia, na abertura do canal do Panamá, em que soçobrou o renome adquirido por LESSEPS, em análoga empresa, quando estabeleceu ligação interoceânica por Suez.*

*Quanto a RONDON, a fama, transbordante das fronteiras do Brasil, levou-lhe o nome de “maior explorador das regiões tropicais”, ao livro consagrador da Sociedade de Geografia de Nova York, onde aparece, escrito com letras de ouro, ao lado de pesquisadores mundialmente glorificados, da classe de AMUNDSEN, o explorador do pólo Sul, PEARY, do pólo Norte, CHARCOT, o maior explorador das terras árticas, BIRD, das terras antárticas.*

*De mais a mais, concedeu-lhe a instituição norte-americana o “Prêmio Lewingstone”, medalha de ouro, acompanhada pela Sociedade de Geografia Comercial de Paris, que lhe conferiu a “Medalha Crévau”.*

*Inúmeros prêmios e condecorações ainda lhe exaltavam a fecunda dedicação à geografia, acordes com os aplausos dos cientistas, que lhe aumentavam o número dos admiradores.*

*Zoólogos, da classe de A. MIRANDA RIBEIRO, botânicos, do vulto de KUHLMANN e F. HOEHNE, geólogos semelhantes a EUSÉBIO DE OLIVEIRA, e tantos outros especialistas de nomeada, deslumbrados diante dos segredos das regiões de cujo estudo tiveram a prioridade, mercê da sua cooperação diligente, proclamaram-lhe a capacidade admirável de trabalho e a perícia no devassar os mistérios dos ínvios sertões.*

A sua *passagem* ficou assinalada pelos postes característicos, em que se apoiavam as linhas transmissoras de mensagens humanas.

Ninguém as alongou por distâncias tamanhas no país, em campanha perseverante por mais de um quartel de século, que dilatou a rede por tôdas as cidades mato-grossenses, para lhes assegurar eficaz interligação telegráfica.

As suas marchas célebres não o impediam de registá-las em cadernetas de campo, que enviava ao escritório da Comissão, chefiada pelo cartógrafo FRANCISCO JAGUARIBE GOMES DE MATOS, atualmente general reformado, para a elaboração da carta mais correta de Mato Grosso e regiões vizinhas.

Em seus relatórios, além das descrições cabais do que lobrigava com a vista arguta, incluía também resumo histórico das zonas percorridas, na parte conhecida anteriormente, e informações inéditas dos aspectos e cenas de cuja descoberta o deleitavam as primícias. Explorador incomparável, sabia observar fielmente e transmitir a outrem os resultados de suas investigações perseverantes.

Mais de um aldeamento indígena seria surpreendido em seu regime arcaico de vida distante da realidade, como se ainda permanecesse em plena fase neolítica.

Como o nhambiquara, refugiado na região, que ingressou nos anais científicos pela douda palavra de ROQUETE PINTO, com o título de "Rondônia", ao consagrar-lhe magistral monografia.

Se na primeira década do século avultou a personalidade do geógrafo, cujas explorações vinham, aliás, da anterior, na segunda ressaltaram principalmente as atividades do defensor dos silvícolas, que lhe festejavam a chegada às suas tabas, ainda que não o tivessem antes conhecido pessoalmente.

Seria rara a tribo, cujas aldeias não visitasse, nas freqüentes peregrinações, que lhe proporcionaram a construção das linhas telegráficas, estendidas à imensidão do território mato-grossense, até a lendária Vila Bela, à margem do Guaporé, e a fiscalização das fronteiras, perlustradas em seus mais escabrosos trechos.

Graças aos conhecimentos adquiridos nesse longo jornada e à habilidade amistosa no trato com os mais variados grupos humanos, para árdua missão escolheu-o o governo federal, que pouco antes, aliás, lhe manifestara o seu desagrado, por não ser persona grata à revolução de outubro, hostil aos colaboradores do situacionismo soçobrado em 1930.

O Peru e a Colômbia engalfinhavam-se em fôgasas discussões, que ameaçavam terminar em guerra, a propósito de Letícia, cuja posse ambos cobiçavam.

Solicitada a resolver o esbraseante litúgio, a Liga das Nações nada lograra com a sua Comissão Administrativa.

A diplomacia brasileira, então dirigida pelo ministro AFRÂNIO DE MELO FRANCO, sugeriu, a propósito, em protocolo de 24 de maio de 1934, a formação de uma comissão mista, de que participassem o Peru, a Colômbia e o Brasil, por delegados idôneos.

Para chefiá-la, como representante brasileiro, o presidente da República recorreu ao general RONDON, já reformado, que, por fim, cedeu ao convite insistente.

"General, não se trata de servir a mim, nem ao meu governo, trata-se de servir ao Brasil", teria sido o argumento final de que se valeu o presidente GETÚLIO VARGAS, para superar a relutância generalícia.

Esqueceu ressentimentos e suspeitas de carência de requisitos para a grave incumbência em Letícia, pôrto fluvial, à margem esquerda do rio Solimões, cerca de dois quilômetros a montante do marco de limites Brasil-Colômbia.

Para lá seguiu, decidido a permanecer pelo tempo necessário, alongado por penoso quatriênio, em cujo decurso os outros parceiros se faziam substituir por novos delegados, que de má vontade suportavam a vida incômoda na localidade, ou sucumbi, como o senador MANUEL PABLO VILLANUEVA, representante do Peru, substituído pelo deputado VITOR MANUEL ARÉVOLO.

Maior número de sucessões, cinco, assinalou a Colômbia, ao passo que não se ausentou o delegado brasileiro, senão depois da execução cabal do protocolo gerador da honrosa incumbência.

Conseguiu assim afastar os perigos da luta armada, de que não mais se falou, graças ao ambiente de harmonia, que manteve em paragens inóspitas.

Semeou a concórdia e triunfou, merecendo louvores internacionais.

Ao regressar, os aplausos, que lhe festejaram a passagem pelos portos interjacentes, desde Manaus, culminaram em Guanabara, onde, a 3 de agosto de 1938, foi acolhido como verdadeiro herói nacional, por expressiva comissão de recepção, "composta de todos os ministros de Estado e de altas autoridades civis e militares".

No cais deu-lhe as boas vindas, em nome da cidade, o prefeito HENRIQUE DODSWORTH.

A avenida Rio Branco engalanou-se alegremente para aclamar o vitorioso emissário da paz e amizade, que a percorreu ao som das bandas de música do Corpo de Bombeiros, dos Fuzileiros Navais, da Polícia Militar e do Exército, depois de ouvir o Hino da Independência e o do "Herói do Brasil", do maestro VILA LÔBOS, interpretados por orfeão de mais de 300 vozes, sob sua regência.

No dia seguinte, o Itamarati abriu o seu salão de conferências para a sessão magna, presidida pelo ministro OSVALDO ARANHA, em honra ao general RONDON, cuja obra científica e pacificadora foi devidamente exaltada por oradores de altas credenciais.

Cumprira exemplarmente a missão que lhe fôra confiada, como praticara anteriormente em outras, mais articuladas com a sua profissão.

Poderia, agora, cuidar de ordenar os seus apontamentos e escritos, se não o molestasse o glaucoma, herança de Leticia, que lhe reduzira a menos da metade a visão e ameaçava completar-lhe a cegueira, como sucederia irremediavelmente, apesar dos tratamentos já tardios a que se submeteu.

Ainda que nada mais escrevesse, porém, a sua bibliografia arrolava obras indispensáveis ao conhecimento de ampla região ocidental do país, além dos levantamentos topográficos e explorações de rios, que a tornaram acessível aos viajantes e estudiosos de alta classe.

A série preciosa das "Publicações da Comissão Rondon" abrange, em 104 verbetes, não somente as contribuições dos naturalistas e engenheiros, a que proporcionou oportunidade de virem a lume, como as suas próprias, quando não editadas por outras entidades. Entre outras sobrelevam:

- Relatórios sobre os trabalhos da construção das linhas telegráficas de Mato Grosso, em que registrou as explorações de paragens, pela primeira vez devassadas — (5 volumes) —
- Conferências realizadas no Teatro Fênix do Rio de Janeiro e referentes a trabalhos executados sob sua chefia pela Expedição Científica Roosevelt-Rondon e pela Comissão Telegráfica — (1915)
- O Estado de Mato Grosso — o que êle nos oferece e o que espera de nós — Conferência realizada na Sociedade Rural Brasileira de São Paulo e publicada na Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — Tomo XXVII — 1923
- Corografia Mato-grossense  
Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso — 1933 — Tomo XXX
- José Bonifácio e o Problema Indígena Brasileiro  
Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Revista — Vol. 174 — 1939
- Consagração militar e política de SANTANDER — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Vol. 176 — (1941)
- Etnografia — Números 2 - 76 - 77 - 78 - 92 - do catálogo
- A Etnografia e a Etnologia do Brasil em Revista.  
Publicação número 93 do Conselho Nacional de Proteção aos Índios — 1946 — anteriormente divulgada pela Revista Brasileira de Geografia — Ano II, n.º 4 —

Mais, todavia, que os seus escritos, sublimou-lhe a ação catalítica e operante, expressa na formação de dezenas de discípulos dedicados que lhe interpretaram a primor os ensinamentos.

A seu crédito averbou-se a "descoberta geográfica de mais de 200 000 quilômetros quadrados", como igualmente a construção de linhas telegráficas, em extensão maior que a realizada por outra qualquer chefia, além do "Serviço de Proteção aos Índios", criado, por sua sugestão, em 1910.

Homem de ação, a quem não faltou a estima admirativa de T. ROOSEVELT, e homem de sentimento, como evidenciou no convívio com os aborígenes, de quem se tornou protetor venerado, e com os povos vizinhos, cujo desarmamento moral obteve em Leticia, mereceu as maiores homenagens dos contemporâneos, nacionais e estrangeiros.

Proclamaram-lhe a competência incomparável, que lhe orientava as campanhas construtivas, a que devotou a sua vida edificante, até sucumbir a 20 de janeiro de 1958, depois de prestar à sua pátria e à humanidade os mais nobilitantes serviços, que lhe realçaram a benemerência.

Obreiro incansável da geografia, ninguém tanto peregrinou pelo Brasil, com instrumentos em mão, de que sabia valer-se com perícia, para imprimir valia científica às suas andanças.

Soube viver dignamente, merecendo a gratidão da posteridade que lhe proclama a fama de geógrafo, engenheiro e de indianista afeiçoado aos irmãos que lhe necessitavam do amparo apostolar.

VIRGÍLIO CORREIA FILHO



*Candido M. de London*